

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.136

Redacção, Administração e Tipografia

Quinta feira, 3 de Agosto de 1922

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa * Telefone 5239-G

PREÇO — 10 CENTAVOS

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

O Governo, a Moagem e os lavradores pretendem que o povo, de amanhã em dante, seja mais roubado.

Pois o povo, já hoje, tem que manifestar o seu veemente e justo protesto contra mais este roubo.

Deve já ter chegado a hora de o povo não dever pagar mais e bradar, com alma e com decisão:

Basta, basta, basta!!

Em nome da vida ameaçada defendamos o nosso pão!

AO PESSOAL TRABALHADOR

Todo o que tiver um pouco de dignidade e não quiser deixar que espesinhem afrontosamente os seus direitos mais sagrados, deve abandonar hoje, ao meio dia, o trabalho e comparecer na grandiosa sessão de protesto contra a modificação do regime do pão, que se realiza pelas 15 horas, na sede da U. S. O., na calçada do Combro, 38-A, 2.º

POVO, DEFENDE-TE DOS LADRÕES E FAZE TRIUNFAR A TUA RAZÃO!

A U. S. O.

Ladrões, ladrões, ladrões!

Os novos diagramas da farinha como as pequenas fracções do pão elevarão o seu preço talvez ao duplo do que consta da nova lei

O PESSOAL TEM QUE DEMONSTRAR A SUA SOBERANIA

Já ontem, em ligeira crítica, nos ocupámos da medida governamental e parlamentar que altera sensivelmente os preços e o tipo de pão. Mas o caso merece maior relevo uma vez que se trata de mais uma ignobil roubalheira feita ao povo — este povo dócil e humilde, cuja indiferença e cobardia tudo permite à vilanagem que impunemente tripudia com a sua saude e com a sua miséria.

O que acaba de ser legislado em matéria de cereais, de moagem e panificação é um crime de lesa-humanidade dos mais tremendos, neste momento de angustias. E se o povo não se levanta contra a ladração do governo, da agricultura, da moagem e panificação — essa gente que parece ter-se contentado para o matar pela fome — então mais ela será capaz de fazer e quando amanhã o povo quiser levantar-se já o não poderá fazer porque já nem nem forças terá para isso.

Diz-se que cada povo tem o governo que merece e se este conceito, pelo que com o pão se passa, pode ser aplicado ao povo português, então é certo que a sua desmoronização chegou ao máximo.

Mas, não! O que se observa é que o povo desconhece as manobras infernais do capitalismo, como ignora quanta vilania existe nas ante-câmaras dos governos e dos parlamentos.

O povo, assim, só vem a conhecer os efeitos de certas medidas governamentais quando estas já são factos consumados, que é já quando não se lhe pode opor. Depois protesto e reclama, mas em vão, porque considera ao mesmo tempo, que o que já não tem remédio, remediado está, ficando-se na situação deprimida de conformado com a sua sorte.

Não tenhamos dúvida que os homens do governo isto mesmo recordaram, certamente, quando se decidiram a promulgar o novo regime cereálico. Sim, porque levou tempo a parir o aborto. E, entretanto, a moagem foi entendo a opinião pública com a sua polémica de intruções, tal e qual como praticam os vigaristas quando se abeiram os lóplos que vêm à cidade para o roubar.

E tam habilmente o fez, auxiliada pelos seus agentes políticos e pelas somas que inevitavelmente dispender, que conseguiu o mais que é possível, no próprio momento em que a dor avassalava maior número de lares onde os salários são miseráveis para acudir às mais instantes necessidades.

Esta lei constitui uma gazua nas mãos dos lavradores, da moagem e panificação e do governo para este povo indefeso e desgraçado ser mais roubado.

Pra se verificar até onde vai a cumplicidade do governo neste autêntico roubo feito à magrissima

bolsa do povo basta recordar que enquanto a produção cereálica nacional foi deficitária em maiores proporções, o governo roubou o povo por diferentes formas para dar a moagem trigo por preços inferiores àqueles porque os adquiriu.

Precisava manter o chamado pão político a fim de aquietar o povo. E por esta forma, sem beneficiar o povo, ajudava a enriquecer a já poderosa moagem.

Agora que já adquiriu o trigo em melhores condições — isto a despeito do câmbio estar a quatro — e que, se não podia ainda embaraçar o pão, pelo menos poderia conservá-lo no preço anterior, refazendo-se das perdas anteriores, é agora, porque melhor vai a maré, que cede à moagem e aos lavradores todos os poderes para mais e melhor tripudarem.

Há em tudo isto algo de tanto baixo e repugnante que não ocorre outra classificação para os seus autores que não seja o de ladrões, ladrões, ladrões!

Ladrões os que legislaram; ladrões os lavradores; ladrões a moagem e panificação. Tudo rouba com o máximo de impudor, com o mais desvergonhado dos descaramentos.

O trigo exótico, ao câmbio actual, poderia ser importado a pouco mais de 870. Pois agora irá pagar o trigo nacional a \$83,8 e, portanto, mais caro.

Há uma tabela para as duas qualidades de trigo nacional, o mole e o rijo. Todavia há lavradores que não fazem caso algum dessa tabela e vendem pelos preços que querem. Chegam mesmo a pedir 1\$20. A moagem paga, porque têm tantas formas de cometer a fraude que isso não faz diferença alguma.

Já mais os diagramas demarcados pela lei foram respeitados. Sempre a moagem conseguiu, pelo regime ilegal da «candonga» fornecer farinhas extra e a preços superiores aos da tabela.

No regime de tipo único a moagem fazia duas e três qualidades de farinha. Havia o pretexto da fabricação de bolachas para as quais algumas fábricas estavam autorizadas a fabricar uma pequena percentagem de farinha extra; mas todas procuravam fazer o mesmo para melhor extorquir o povo. Enquanto que uma parte não comia o pão com o diagrama determinado na lei para o tipo único, outra parte era forçada a pagar o pão mais caro, a despeito da pseudo-fiscalização que era exercida.

Ora se esta fraude era já sistematicamente e seguido, no regime dos três tipos de farinha com lentes autorizados, é preciso contar com uma roubalheira maior, pois em vez dos três tipos irá haver uma multiplicidade de tipos.

Existe, por lei, um percenta-

gem de 23% de sementes ficando os restantes 77 para o pão tipo único.

Pois agora, em vez de um só diagrama ficarão existindo: 3 de 15, de 42 e de 20% dos quais, aquela que prescreve a nova lei, sairão os dois tipos de pão.

Mas serão apenas dois tipos? Não. Haverá tantos tipos quantos os tamanhos. E o futuro o dirá.

Serão esses novos tipos, de pequenas dimensões, que determinarão a cessação da venda do tipo de segunda, mais barato que o de primeira, mas mais caro que o tipo único actual — é preciso recordar sempre — e infinitamente inferior.

Pois como poderá ser bom o pão fabricado com farinha inferior e em blocos de quilo?

Além da farinha mais ordinária, é preciso ter em conta que a moagem costuma fazer de 75 quilos de farinha quase 120 quilos de pão!

E como explica o governo a razão da existência no novo regime de pão de fracções com o peso de 450 gramas e de 500? Para que existe esta diferença de 50 gramas de uma em relação a outra?

Porventura não tem o fim encoberto de dentro em pouco terminar a fração com 500 gramas, para ficar só a de 450 a fim de

descaracterizar.

O trigo exótico, ao câmbio actual, poderia ser importado a pouco mais de 870. Pois agora irá pagar o trigo nacional a \$83,8 e, portanto, mais caro.

Há uma tabela para as duas

qualidades de trigo nacional, o mole e o rijo. Todavia há lavradores que não fazem caso algum dessa tabela e vendem pelos

preços que querem. Chegam mesmo a pedir 1\$20. A moagem paga, porque têm tantas formas de cometer a fraude que isso não faz diferença alguma.

Já mais os diagramas demarcados pela lei foram respeitados. Sempre a moagem conseguiu, pelo regime ilegal da «candonga» fornecer farinhas extra e a preços superiores aos da tabela.

No regime de tipo único a moagem fazia duas e três qualidades de farinha. Havia o pretexto da fabricação de bolachas para as quais algumas fábricas estavam autorizadas a fabricar uma pequena percentagem de farinha extra; mas todas procuravam fazer o mesmo para melhor extorquir o povo. Enquanto que uma parte não comia o pão com o diagrama determinado na lei para o tipo único, outra parte era forçada a pagar o pão mais caro, a despeito da pseudo-fiscalização que era exercida.

Ora se esta fraude era já sistematicamente e seguido, no regime dos três tipos de farinha com lentes autorizados, é preciso contar com uma roubalheira maior, pois em vez dos três tipos irá haver uma multiplicidade de tipos.

Existe, por lei, um percenta-

ger de 23% de sementes ficando os restantes 77 para o pão tipo único.

E' ou não isto um roubo premeditado?

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior parte do pão não sairão os dois tipos de pão.

Acresce a circunstância de que o de 450 gramas dentro em pouco não terá mais de 400, sabendo-se que com a venda ao domicílio a maior

Concepção que diz que a revolução não sómente a ação imediata, diária, permanente, preparando todos os dias a revolução, encaminhando o proletariado para a revolução, tem necessidade pelo contrário de efectivos numerosos, amontoados nos sindicatos; ela tem necessidade de sindicatos repletos, cheios prestes a rebentar. Há uma tese que vireis combater ainda que boa vos pareça: é a nossa.

E nós pensamos que para ter justamente esta força sindical, não sómente representada por militantes dessimilados, por alguns punhados de militantes, mas representada por massas enquadradadas de militantes, nos nossos sindicatos e por toda parte, seria preciso colocar as lutas de tendências ao cima das considerações mais terra à terra, mais imediatas.

A' saída mesmo do Congresso Unitário, nós somos forçados a tomar posição: Colomer não renegará as suas declarações do *Libertaire* — e nós somos obrigados a tomar posição perante esta consideração anarquista, perante este método anarquista ou antes sindical-anarquista impelindo o sindicalismo sob o sol reconfontante da anarquia. Eu comproendo isto, se bem que não seja anarquista.

Temos uma concepção diferente da definição da anarquia.

Fomos obrigados a tomar posição no seio da C. A. e publicamente, depois de ter feito todas as concessões para que esta discussão de tendências não viesse desviar de nós as forças de que temos necessidade, queremos marxistas ou comunistas. Tomámos posição no último momento e é esta posição que defendemos.

Veber apelou para um passado recente; outros foram mais longe que ele

e declararam num Boletim redigido em Berlim pelos futuros secretários da International anarquista em formação, que nós eramos os continuadores da gente da rua de Lafayette. Isto não tem importância.

Nós compreendemos a Revolução russa.

Se nós fomos até ela, foi depois de ter muitos esforços para aplaudir não sómente à revolução russa, mas para compreender. E' fácil viver tida a sua vida sobre o seu passado, falar mesmo de círculo ou anarquista, com a cabeça plena de sentidos e de ideologia.

Entendo indivíduos que tem a cabeça cheia de ideologia anarquista e que foram defensores da República burguesa e capitalista durante a questão Dreyfus. Eles levantam-se hoje. (Rumores, Interrupções).

Eu julgo que não insulto ninguém. (Vozes numerosas: Não! Rumores).

Certamente, não é cômodo defender a República sem defender os republicanos.

E' um trabalho que não é fácil de fazer; quando se salva a República, salvase os republicanos de momento; quando os mesmos indivíduos hoje se levantam contra os militantes da Revolução russa, em desafio a se não se levantam ao mesmo tempo contra toda a Revolução russa. (Aplausos).

A Revolução russa, são os seus militantes; como a República, são os republicanos. A Revolução russa sem os seus militantes é uma abstração. Não se separa para isto daquilo.

Tudo mudado na sua vida, Viver, e todos os arco-íris da vida social deram em 1914, a prova da que os anarquistas, como os comunistas e os sindicalistas, estavam num pé de perfei-

ta igualdade no terreno dos renegados. (Aplausos). (Interrupções: «Isso não é verdade» — «Houve outros renegados no passado»).

O Congresso de Marselha desenvolveu-se em condições análogas ao Congresso anarquista de Lyon. Não era já a alma anarquista que era preciso pôr nas fileiras do sindicalismo; era a alma comunista, do Partido Comunista. Nós erguemos-nos dum mesmo impulso, contra essas pretensões; porque, nós não somos nem dum nem doutro lado; nós somos alguns indivíduos que proclamamos: A vanguarda do sindicalismo está no sindicato; em nenhuma das suas manifestações, das suas decisões ou das suas ações, o sindicalismo foi procurar, for de lá, a sua vanguarda. O sindicalismo basta-se a si próprio. Vive sobre si, nos seus quadros, com os seus quadros, com a sua vanguarda composta de comunistas, de libertários, de sindicalistas, de semi-partido, de militantes revolucionários.

Hoje, a luta está travada; é preciso pronunciar-se por um ou outro lado; se não quizer pronunciar por um ou outro, corre-se o risco de ser destruído, esmagado entre as duas tendências.

Porto é que nós somos políticos iludidos ou cúmplices do Partido. Os anarquistas e os federalistas tecem-nos perseguido com estes epítetos e tem empregado ainda outros.

Federalismo e Centralismo

Visto que tomamos parte nos debates, examinemos a Revolução; examinemos o nosso sindicalismo em ação. Nós falámos da União anarquista, do Partido Comunista. Falemos agora de federalismo. Porque, federalismo e comunismo são duas coisas que não são inteiramente semelhantes.

O federalismo, governo das coisas, opõe-se ao centralismo. Vós podeis muito bem, camaradas federalistas, redigir uma resolução juntamente com Colomer, que é partidário de sindicalização individualizada. (Sorrisos).

Poderões encontrar facilmente um terreno de entendimento e deveis estar de acordo. A sindicalização individualizada é um termo, uma fórmula federalista que é preciso virdes defender; é sobre isso que o debate se vai travar.

Sindicalização individualizada, federalismo contra a centralização, é a tese da Revolução e toda a ação cotidiana

estabelecida sobre a auto-consciência das massas operárias.

Mas, isto são fórmulas, cavalos de batalha que não se seguram em pés; os anarquistas querem dar uma alma ao sindicalismo porque a auto-consciência não existe. São fórmulas abstractas porque tem-se medo das palavras, porque não se quer reflectir. Reflectiu-se talvez, mas tem-se medo das palavras, tem-se tradições, tem-se vivido com um breviário na algibeira e a cabeça cheia de ideologia; aplica-se a violência, a força e a centralização a todo o custo e disfarça-se isto sob a bandeira da anarquia e do federalismo. Esta é todo o mistério da batalha de hoje.

Eu peço aos nossos camaradas para concentrarem um pouco em si mesmo e de observarem imediatamente o mecanismo dum greve, de examinarem o que vale a auto-consciência, de verem

que caso se faz disso em período de greve, de passar ao crivo do seu espírito, crítico, não as fórmulas abstractas que se vem divulgando nas tribunas, mas de examinar os factos cotidianos. Não há um dentre nós que possa afirmar aqui que uma greve, que uma ação de greve, local, regional ou geral, assenta sobre a auto-consciência das massas operárias. Porque se ela assentasse só-

obre a auto-consciência das massas operárias, não haveria mais necessidade de fazer greve; a revolução estaria feita... leste o tempo que a auto-consciência existe. (Aplausos).

Centralismo e federalismo! Vamos a isso! Ah! vós trazeis Peltouier para esta tribuna! Vamos: deitai-o em cima como a muitos sucede com Jaurés. Copiasteis de Peltouier o que servia à vossa tese e deixastes ficar o que servia à nossa. Peltouier não escreveu só nalgumas linhas ou algumas páginas; ele escreveu isto, por exemplo:

«O que seriam o Estado, o governo, a classe dirigente, se não tivessem concentrado num ponto único do território todas as engrenagens da vida social: ministérios, parlamento, bancos, universidades, todas as instituições susceptíveis de proteger essas engrenagens, exército, magistratura, polícia?»

É esta centralização, o Estado não a proclama o fundamento mesmo da ordem social? Não, se declará ele a potência por assim dizer irrevistável quando reina a ação aos seus adversários e põe a municipalidade de Paris, por exemplo, fora do direito comum?

Ora, se a centralização é boa para a classe dirigente, não deve ela serlo para a classe operária, e, enquanto que o Estado concentra os seus meios de defesa, temos nós o direito de dispersar os nossos?»

E' Peltouier quem diz isto; Virrei aqui lazer o processo de Peltouier! (Aplausos). Queimareis aquele que adorasteis há alguns dias; será o bom Deus com duas pessoas! (Risos).

Senão dúvida, diz Peltouier, nós somos federalistas, sem dúvida não devemos cessar de reivindicar a autonomia, a divisão dos poderes, a diminuição da autoridade central, mas essas reivindicações, por exemplo, fora do direito comum?

Federalismo! Fórmula de organização sindical que temos procurado aplicar defendendo — oh! não, como sendo os primeiros, não nos damos tal diploma! — tanto quanto temos podido o princípio de organização dos sindicatos a base dos comités de fábrica e dos delegados de oficinas, organização que é preciso ainda pôr de pé.

Federalismo? Fórmula de organização, mas não é uma fórmula de ação!

Centralismo? — Federalismo? — Nós somos os centralistas, e vós sois os federalistas.

Integrais? — Nós? — Vamos a isso!

Federalismo — Fórmula de organização que os partidários não tem ainda pedido pôr em execução, nas suas próprias organizações sindicais. (Aplausos).

Federalismo? — Fórmula de organização em nome da qual se centraliza a C. G. T. em 29 regiões, quando ela era dividida em 80! (Aplausos).

Federalismo! Fórmula de organização sindical que temos procurado aplicar defendendo — oh! não, como sendo os primeiros, não nos damos tal diploma! — tanto quanto temos podido o princípio de organização dos sindicatos a base dos comités de fábrica e dos delegados de oficinas, organização que é preciso ainda pôr de pé.

Federalismo? — Fórmula de organização, mas não é uma fórmula de ação!

(Continua).

1.º Congresso da C. G. T. Unitária

realizado em Saint-Etienne de 26 de Junho a 1 de Julho

Nós compreendemos a Revolução russa.

Se nós fomos até ela, foi depois de ter muitos esforços para aplaudir não sómente à revolução russa, mas para compreender. E' fácil viver tida a sua vida sobre o seu passado, falar mesmo de círculo ou anarquista, com a cabeça plena de sentidos e de ideologia.

Entendo indivíduos que tem a cabeça cheia de ideologia anarquista e que foram defensores da República burguesa e capitalista durante a questão Dreyfus. Eles levantam-se hoje. (Rumores, Interrupções).

Eu julgo que não insulto ninguém. (Vozes numerosas: Não! Rumores).

Certamente, não é cômodo defender a República sem defender os republicanos.

E' um trabalho que não é fácil de fazer; quando se salva a República, salvase os republicanos de momento; quando os mesmos indivíduos hoje se levantam contra os militantes da Revolução russa, em desafio a se não se levantam ao mesmo tempo contra toda a Revolução russa. (Aplausos).

A Revolução russa, são os seus militantes; como a República, são os republicanos. A Revolução russa sem os seus militantes é uma abstração. Não se separa para isto daquilo.

Tudo mudado na sua vida, Viver, e todos os arco-íris da vida social deram em 1914, a prova da que os anarquistas, como os comunistas e os sindicalistas, estavam num pé de perfei-

ta igualdade no terreno dos renegados. (Aplausos). (Interrupções: «Isso não é verdade» — «Houve outros renegados no passado»).

O Congresso de Marselha desenvolveu-se em condições análogas ao Congresso anarquista de Lyon. Não era já a alma anarquista que era preciso pôr nas fileiras do sindicalismo; era a alma comunista, do Partido Comunista. Nós erguemos-nos dum mesmo impulso, contra essas pretensões; porque, nós não somos nem dum nem doutro lado; nós somos alguns indivíduos que proclamamos: A vanguarda do sindicalismo está no sindicato; em nenhuma das suas manifestações, das suas decisões ou das suas ações, o sindicalismo foi procurar, for de lá, a sua vanguarda. O sindicalismo basta-se a si próprio. Vive sobre si, nos seus quadros, com os seus quadros, com a sua vanguarda composta de comunistas, de libertários, de sindicalistas, de semi-partido, de militantes revolucionários.

Hoje, a luta está travada; é preciso pronunciar-se por um ou outro lado; se não quizer pronunciar por um ou outro, corre-se o risco de ser destruído, esmagado entre as duas tendências.

O sindicalismo, como é de se esperar, é um termo, uma fórmula abstracta que se vem divulgando nas tribunas, mas de examinar os factos cotidianos. Não há um dentre nós que possa afirmar aqui que uma greve, que uma ação de greve, local, regional ou geral, assenta sobre a auto-consciência das massas operárias. Porque se ela assentasse só-

Mas, isto são fórmulas, cavalos de batalha que não se seguram em pés; os anarquistas querem dar uma alma ao sindicalismo porque a auto-consciência não existe. São fórmulas abstractas porque tem-se medo das palavras, porque não se quer reflectir. Reflectiu-se talvez, mas tem-se medo das palavras, tem-se tradições, tem-se vivido com um breviário na algibeira e a cabeça cheia de ideologia; aplica-se a violência, a força e a centralização a todo o custo e disfarça-se isto sob a bandeira da anarquia e do federalismo. Esta é todo o mistério da batalha de hoje.

Eu peço aos nossos camaradas para concentrarem um pouco em si mesmo e de observarem imediatamente o mecanismo dum greve, de examinarem o que vale a auto-consciência, de verem

que caso se faz disso em período de greve, de passar ao crivo do seu espírito, crítico, não as fórmulas abstractas que se vem divulgando nas tribunas, mas de examinar os factos cotidianos. Não há um dentre nós que possa afirmar aqui que uma greve, que uma ação de greve, local, regional ou geral, assenta sobre a auto-consciência das massas operárias. Porque se ela assentasse só-

O federalismo, governo das coisas, opõe-se ao centralismo. Vós podeis muito bem, camaradas federalistas, redigir uma resolução juntamente com Colomer, que é partidário de sindicalização individualizada. (Sorrisos).

Poderões encontrar facilmente um terreno de entendimento e deveis estar de acordo. A sindicalização individualizada é um termo, uma fórmula federalista que é preciso virdes defender; é sobre isso que o debate se vai travar.

Sindicalização individualizada, federalismo contra a centralização, é a tese da Revolução e toda a ação cotidiana

Pelo Algarve

Impressões ligeiras

De como o "reporter" viu e sentiu algumas coisas algarvias

Já conhecemos o Algarve, embora de fuga, quando do movimento greve dos ferrovários do Sul e Sueste em 1920. Percorremos, no comboio de exploração que conduzia o respetivo comité, parte daquela região, encantadora. A população algarvia recebia, com um entusiasmo que tocava as raízes do coração, a chegada desse comboio.

As manifestações eram bem exponenciais, o entusiasmo era delirante. Tudo isto era devido ao fato de que era um povo que palpitava um coração para vibrar nos grandes momentos.

Quando embarcamos e seguimos no comboio especial, que ianuagurou o ramal Portimão-Lagos, rememoramos os horas de entusiasmo que vivemos há mais de dois anos. Contávamos assistirmos a momentos idênticos, porque uma nova linha férrea devia ser alguma coisa que animasse o povo numa região como aquela.

A nossa desilusão foi completa! As estações do novo troço do caminho de ferro estavam repletas de povo, é certo; porém não se manifestava. Assistiu à chegada do comboio que inaugura aquela linha com uma frieza glacial! Olhou para tudo com uma indiferença espantosa!

Que estranha psicologia a daquela gente, que deve ser como a restante gente dos outros pontos do Algarve, que vibrou de uma louca alegria quando se teve conhecimento da vitória dos ferrovários, há dois anos, transmitida pelos camaradas que seguiam no comboio de exploração!

Aí, como já dissemos, nem se moveu, na estação de Mexilhoeira Grande, a dar ao ar explosão de foguetes, é certo; porque não se manifestava.

E mais uma vez ficámos indecisos sobre a verdadeira psicologia daquela gente.

As belezas naturais do Algarve compensaram-nos, porém, da falta de comodidades, se bem que esse consolo espiritual não fosse o suficiente para o consolo ou satisfação do corpo.

As camadas de outros jornais que nos acompanhavam e que foram da maior atividade, não deixaram uma impressão.

Compreendemos-nos? Nós também não. Carácter, dignidade, quando se trai a razão, apenas por capricho maldoso ou cobardia...

A meia, no entanto, desembrolhou-se a alegria de se juntar agora as das seguintes.

Sei-le & Deus, Manuel Costa & João Ferreira, na área do Campo Santa Rita, Rua Vieira, rua do Norte, e Alfredo Graça & Irmão, rua dos Correiros.

As firmas A. Abela Ltd., e Mata & C., consideram-nos desligadas do conflito, visto que não temos assalariados e os seus fornecedores já cederam à nossa reclamação; o que quer dizer, que indiretamente já essas firmas dão o aumento.

E assim, roncamente, o conflito vai caminhando para o fim, podendo os restantes industriais aguardar o 1.º de Setembro que... nós também esperamos.

Continua sem solução o conflito suscitado entre os operários quadradores e o sr. Américo Oliv. Já foi ontem enviado um ofício àquele senhor, comunicando as resoluções dos operários em questão, e quais os seus desejos não se obtendo do mesmo resposta alguma, dizendo aquele senhor simplesmente que por enquanto não queria quadradores, por isso nada tinha a responder.

“A Batalha” no Porto

PELA INDÚSTRIA TÉXTIL

Como os Pinto de Azevedo no Porto, também os Narciso de Riba de Ave estão “empobrecidos” tendo os seus escravos a trabalhar 10 e 12 horas—O exemplo da Covilhã—Um patifório —Horário de trabalho—O vício caserneiro

Há semanas que nada dizemos a respeito do que vai pela classe têxtil. E no entanto, muito há que informar. A vitória alcançada pelos operários têxteis da Covilhã bastante vio infiúl na classe congénere desta cidade, a qual vai movimentar-se no sentido de conquistar um melhor bem-estar, visto que presentemente os seus salários são irrisórios.

O industrialismo, um pouco embargado com a reclamação que lhe vai ser entregue, porque ele já sabe do que se prepara, vai alegando de antemão que a indústria não está assim muito próspera, prevendo-se até uma próxima crise. São sústos que se pretendem meter nos escravos para que elas não exijam os avaros patrões aquela cota parte a que tem jás e da qual são violentamente esburrados.

De quanto estão arruinados os industriais têxteis, nós vamos demonstrá-lo com uns dados que nos forneceram de freguinho, dados eloquêntissimos que habilitam o produtor a pensar no enorme roubo de que é vítima.

Em Riba de Ave existe uma importante fábrica pertencente a um tal Narciso Ferreira, que naquela terra é a mesma coisa que nesta invicta é o sr. Manuel Pinto de Azevedo, um nababo e um esmoler, a encobrir, justificar, as suas traições. Como Pinto de Azevedo, era um pobreto, um farroupilha, quase que vivendo de esmolas, posto que mesmo como tecelão manual não era grande coisa.

A custa de expedientes vários foi-se segurando até que conseguiram estabelecer-se. E' claro: como a indústria não dada, e como é bastante amante dos seus antigos colegas de infiúl, pôde amontar uma fortuna colossal, a comprovar evidentemente a grande rufa industrial. O antigo tecelão Narciso Ferreira, hoje ornamento da classe capitalista, tem quatro filhos, do nome Delfim, José, Raul e Alfredo, enriquecidos igualmente... com o suor do seu rosto, roubando o semelhante. Há umas poucas de semanas, o patrício Narciso Ferreira fez anos, o que quer dizer que bonito grão-robo, discursos, champagne, bebedeira. O filho Alfredo Ferreira foi quem este ano pagou o banquete ao qual assistiu o supradito Manuel Pinto de Azevedo, autor das cantinas do Bomfim, a quem nos temos referido por diferentes vezes.

Certamente não de supor que o jantar comemorativo foi uma coisa singela, simples, modestamente íntima. E adivinharam, porque ele custou a modica, a peninha quanta de vinte e cinco

contos. E para que aqueles senhores industriais arruinados não vislumbressem a menor comparação com Nero, fôram daqui, do Palácio de Cristal, as cosinheiras e as criadas para os servir, pomposamente...

Vinte e cinco contos não é muito; quem tem, como Alfredo Ferreira, uma capela em casa e um padre para dizer missa e ensinar a inversão dos de mandamentos da lei de Deus, podia gastar muito mais, muitíssimo mais, porque lá estão os desgraçados operários a trabalharem em Santo Tirso, Riba de Ave, 10 e 12 horas por dia, para angariarem um salário riscado, uma miséria que revolta todo aquele que possui um poucochinho de sentimento e de pensamento...

Ora precisamente porque a indústria não dá grandes lucros para que se possam dar jantares superiores a 25 contos, para a devoração de opíparos acoquipes, para a escoração de deliciosíssimos licores, para o sensualismo de lindíssimas mulheres é que os operários da especialidade de tecelagem de seda, amados com o gesto da Covilhã, resolvem reclamar 60% sobre as actuações de preços, visto que se julgam direito de comer um jantar... de seis vintens, pelo menos... E os 60% a mais nos seus ordenados, ainda não lhes concede o luxo de ter capela e padre dentro de casa...

Já que tocamos em assuntos têxteis, narramos esta circunstância. Na rua da Torrinha está instalada a Fábrica do Jacinto, mais conhecida pela fábrica dos Marinheiros. Um sr. Adelino fôr mestre, quando exerce este cargo, por malandrice ou por incompetência, estragava as telas têxteis, na engomadeira, de tal maneira que as operárias não podiam trabalhar com elas, pelo que chegavam a levar a férias de 480 semanas!

O mais engracado é que o patifório culpava os alinhados daquele caso, o que fez revoltar.

Naquela fábrica há menores de 10 e 11 anos, apesar de para lá haver uma lei que proíbe o alojamento daqueles menores nas fábricas, lei aliás que, vindo da monarquia, a república não cumpre, por ser muito democrática. Pois o Adelino, sempre incompetente, confiava a essas crianças, que precisam de escola, serviços de responsabilidade, tal como de remetedeiras. Como resultado, as telas partiam-se duas e três vezes, devido ao que as desgraçadas operárias adultas sentiam os naturais efeitos: as esneiras do Adelino e os erros das petições faziam com que as escravas estivessem a trabalhar longos

— Nesta mesma fábrica há menores de 10 e 11 anos, apesar de para lá haver uma lei que proíbe o alojamento daqueles menores nas fábricas, lei aliás que, vindo da monarquia, a república não cumpre, por ser muito democrática. Pois o Adelino, sempre incompetente, confiava a essas crianças, que precisam de escola, serviços de responsabilidade, tal como de remetedeiras. Como resultado, as telas partiam-se duas e três vezes, devido ao que as desgraçadas operárias adultas sentiam os naturais efeitos: as esneiras do Adelino e os erros das petições faziam com que as escravas estivessem a trabalhar longos

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

C. V. S.

Naquela fábrica há menores de 10 e 11 anos, apesar de para lá haver uma lei que proíbe o alojamento daqueles menores nas fábricas, lei aliás que, vindo da monarquia, a república não cumpre, por ser muito democrática. Pois o Adelino, sempre incompetente, confiava a essas crianças, que precisam de escola, serviços de responsabilidade, tal como de remetedeiras. Como resultado, as telas partiam-se duas e três vezes, devido ao que as desgraçadas operárias adultas sentiam os naturais efeitos: as esneiras do Adelino e os erros das petições faziam com que as escravas estivessem a trabalhar longos

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

— E por último: o célebre mestre José Queirós, da fiação de baixo, do Campo 24 de Agosto, resolvem militarizar o seu pessoal. Assim, aos sábados, além de o obrigar a fazer limpeza até que horas da tarde, força-o a, quando entra, permanecer, em posição de sentido, conservando-se naquela atitude até que vire costas! Depois, o pessoal recomeça de novo o serviço de limpeza, que não lhe é pago! O que nos admira é que o regimento não corrê com o comandante...

Pois é bom que assim aconteça, para que o Júpiter da Terra, o Landru da fiação de baixo, aprenda a ser gente, humano, após o exemplo dum correctivo.

Nós conhecemos o jôgo dos senhores do Alentejo.

Mas fiquem certos que não deixaremos que vá por diante os seus intentos sem protestarmos e sem irmos perante os sindicatos fazer a propaganda tendente a demonstrar a falsidade que se encontra no cérebro desses senhores.

Chamamos desde já a atenção do respetivo sindicato, para que este tome as devidas providências.

Passeio fluvial pró-“A Batalha”

Realiza-se no próximo domingo o passeio fluvial pró-“A Batalha”, que seguirá o percurso seguinte:

De Lisboa à barra e Seixal, sendo acompanhada daí pela Banda Inglês Almadense.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda em casa do camarada Tomás S. Negócio, em Cacilhas.

— C.

Póvoa de Santa Iria

31 DE JULHO

Acércia duma apreensão

Quase todos os jornais da capital relataram a apreensão efectuada pelos agentes da fiscalização de mais de mil sacas de açúcar.

Esta apreensão foi o assunto obrigado de todas as conversas, não faltando quem nos acusasse de só atacar a Sociedade Agrícola de Ganda.

Mas esta censura parte de hipócritas ou de tolos, porque nestas colunas, temos verberado todas as iniquidades que nesta terra se tem cometido.

O sr. Pinhão, gerente da Sociedade Agrícola de Ganda, declarou que quiz tempo para manter o regime das 8 horas, ordenar o trabalho em três turnos, mas que o pessoal operário se opôs alegando que não queria saber do regime de trabalho, mas sim de dinheiro.

Neste momento em que as classes operárias se estão manifestando contra o regulamento-burla do horário de trabalho, convém acentuar que na fábrica da Arcozela, os afimadores, depois das 8 horas de trabalho normal, têm ficado com 3 e 4 operárias, não só para saborearem o patrício, mas ainda porque este tem a habilidade de estabelecer uns prémios por uma certa quantidade de produção.

A propósito, recebemos uma carta dum membro componente do Sindicato Único da Classe Têxtil queixando-se contra um afimador da fábrica em referência, o qual, sendo um conhecido avançado, que se diz anarquista, deixou de comparecer ao seu sindicato, a cuja direção pertence, pelo facto de termos feito umas

Serviço de livraria DE A BATALHA

GRANDE ECONOMIA

ÉPOCA AGRÍCOLA DE 1922

Seguros de Incêndio de Searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de companhias estrangeiras COBRA MENOS de METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e paixas. ALEM DISSO, «A MUNDIAL» NADA COBRA a título de ENCARGOS ou CONTRIBUIÇÕES pois que estas são por ela integralmente pagas.



A MUNDIAL.

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado 500.000\$00

RESERVAS: 749.051.500,9

SEDE EM LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95—Tel. 4084

R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

CALÇADO

de todas as qualidades e modelos

Nenhuma casa vende mais barato, pois enquanto outras casas sobrecarregam os seus artigos com 40% e 50%, esta só tira um lucro de 20%, e além disso ainda faz os seguintes descontos:

Em benefício do comprador sindicado.....	5%
de A BATALHA.....	3%
das Cooperativas.....	3%
do comprador socio da mesma cooperativa.....	3%
em benefício das As. de Socorro Mútuo.....	5%
do comprador socio destas colectividades.....	3%
em benefício da Sociedade A Voz do Operário.....	5%
do comprador socio desta sociedade.....	3%

N. B. — Quando qualquer destas colectividades se responsabiliza pelo pagamento, damos crédito a seis meses, sendo invertidas as percentagens acima mencionadas; o direito refere-se só ao calçado, por enquanto. Exceptuam-se destes descontos os tabacos nacionais, fósforos, jornais e ilustrações.

Na Hayaneza do Sacramento, rua do Sacramento, 19-21, a Alcantara, alem do calçado encontareis artigos de retroaria, pás, pelaria, meias, gravatas, perfumaria, livros, etc., e na Tabacaria Condes, Avenida da Liberdade, 6, assim como na Hayaneza do Carmo, Calçada do Carmo, 43, encontrareis todos esses artigos, a excepção do calçado, nas condições propostas.

Peçam sempre senhas

Nicolau Gomes Correia

ACABA DE RECEBER um grande sortido de cheviosos género inglês, estambres, casimiras e alpacas. Um enorme stock de casacos de alpaca já confeccionados, assim como gabardines, para senhora, e casacos. Um grande stock de kakis. * * * * * PREÇOS SEM COMPETÊNCIA

AVIAMENTOS PARA ALFAIAES
R. dos Fanqueiros, 255

Obras de literatura, ciéncia e ensino

(A venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

Adolfo Lima.—Educação e ensino.....	1800
O Basílio da História.....	1800
O Teatro na Escola.....	1800
Alfred Binet.—A alma e o corpo.....	2800
Alfred Neves Dias.—Razão (pol. n.º social).....	205
Bento de Carvalho.....	1800
Bento Faria.—Missas Novas.....	880
Bonuzzi.—Criação e vida.....	1800
Bonuzzi-Sanglé.—A Loucura de Jesus.....	1800
Breyssel.—A vida social.....	1800
Breysse.—Através da literatura.....	1800
Movimentos revolucionários.....	1800
A revolução francesa.....	1800
Clementino Jaquinet.—História Universal (2 vol.).....	4800
Organismo económico e desordem social.....	5800
Dantes:	
A ciéncia e a vida.....	5000
Mécanica da vida.....	2800
O Egoísmo.....	3800
Atra.—A vida e a morte.....	3800
Dony.—Descedemos dos macacos?.....	1800
Deshumbert:	
Jesus de Nazaré—A moral da Na- turza.....	1800
Kenésto da Silva.—Teatro livre e Arle social.....	905
Faguet:	
Iniciação filosófica.....	2800
Iniciação literária.....	2800
Arte da literatura.....	2800
Horror das responsabilidades.....	2800
Pariz de Vasconcelos.—Problemas sociais.....	3800
Fimorion:	
Iniciação astronómica.....	2800
Astronomia popular.....	2800
Curiosidades astronómicas.....	2800
Astronomia do iantar.....	2800
Os degenerados.....	1800
Os vagabundos.....	1800
A ciéncia de família (teatro).....	1800
A prisão.....	880

é pelo correio mais 10 por cento e 10 centavos para registo

Publicações sociológicas

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

	Pelo correio	Pelo correio
Adolfo Lima.—O contrato do trabalho.....	2800	2800
Aftonev.—A Rússia bolxevista.....	1800	1800
Briand.—A greve geral.....	815	815
Campões Lima.—O movimento operário em Portugal.....	1800	1800
Costa, J. —A ditadura do Professor.....	1800	1800
Garcia de Moura.—A marinha e a civilização.....	2800	2800
Geles Ferraris.—Os partidos políticos.....	1800	1800
Chaves Albert.—O amor livre.....	1800	1800
Contest.—Contra o condicionamento.....	1800	1800
Delaisi.—Os financeiros os políticos e a guerra.....	810	810
Domen Nieuwenhuis.—Pátria e Humanidade.....	805	805
Dufour.—O sindicalismo e a grande revolução (2 vol.).....	2400	2400
Emilio Gózal.—Cristo nunca existiu.....	860	860
Emilio Gózal.—Accção directa e a accção legal.....	805	805
Fraser.—A Rússia vermelha.....	1800	1800
Fabre Ribas.—O socialismo e o conflito europeu.....	1800	1800
Faistador.—A questão social no Brasil.....	1800	1800
O. N. M.—Propaganda consciente.....	825	825
Griffuelles.—A ação sindicalista.....	1800	1800
Sulherme de Groot.—As ilhas Maldivas.....	1800	1800
Stavro.—Problemas sociais.....	1800	1800
Guyau.—Ensaios éticos moral sem obrigação nem sanção.....	1800	1800
Hamon:		
A conferência da Paz e as suas regras.....	1800	1800
As Ilhas da Cúpula mundial.....	1800	1800
O movimento operário na Gran-Bretanha.....	1800	1800
Psychologia do militar profissional.....	1800	1800
Poder social do socialista-umanista.....	1800	1800
A Crise do Socialismo.....	810	810
Séliodora Salgado.—A religião da Morte.....	860	860
Henrique Roland.—A Rússia nova.....	812	812
Jean Graver:		
A Asaça-Fins e meios.....	2450	2475
A Sociedade Feminista.....	1800	1870
O Idealismo e a Sociedade.....	1800	1810
José Carlos de Sousa.—A propriedade privada.....	800	825
José E. Ettor.—Utilitarianismo.....	800	825
José G. Lopresti.—Maltrato.....	800	825
José G. Lopresti.—Maltrato e Abandono.....	800	825
Junes Quade.—A lei dos anários.....	815	820
Justus Ebert.—Os L. W. W. na teoria e na prática.....	1800	1870

Queram a completa extração
dos CALOS?

Comprem o Calítrida Cirílo

Depósito: R. Diário Notícias, 81

Farmacia Jara

79-R. Diário Notícias-83

Consultas médicas diárias para
as classes pobres, pelo ex.º sr.
dr. JOSE BONITO

A. 19-20 horas

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mesclados em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, nova modelo americana, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 20

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

GRANDE NOVIDADE

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

PROPRIAÇAO CONSCIENTE

(Páginas de práticas não-maltusianas)

● Descrição dos órgãos genitais.

● Valor exacto dos meios a empregar.

● Injeções.

● Preservativos, etc.

Preço, \$25—Pelo correio, \$30.

Camaradas

Vão comprar o vosso caçado e mandem concertar na rua Arco Marquês de Alegrete, 60 e 62-1., pois é um antigo operário que não vos expõe.

Vão ver! Vão ver!

Companhia Nacional de Haveragão

Serviço regular de e para os portos do norte da Europa

MARQUES & MARQUES

Tabacaria A NACIONAL

38, Rua de Mouraria, 38-A
LISBOA

Loterias

Aguas, corvinas e refreshments

Alcoolismo ou Revolução?

por Emilio Vandervelde

Preço, \$25

Alcoolismo ou Revolução?

por Emilio Vandervelde

Preço, \$25